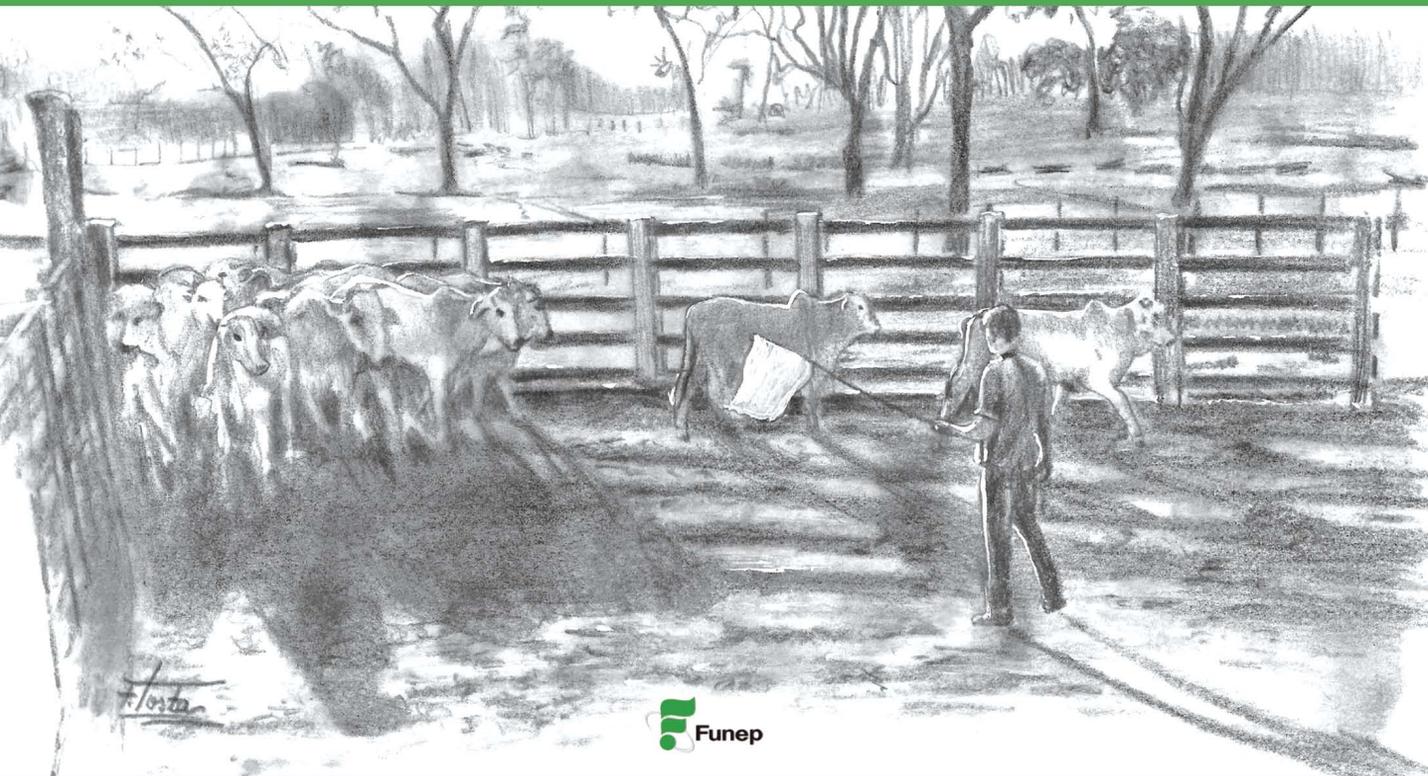


Boas Práticas de Manejo NO CURRAL



Boas Práticas de Manejo
NO CURRAL

Boas Práticas de Manejo **NO CURRAL**

Mateus J. R. Paranhos da Costa

*UNESP, Departamento de Zootecnia,
Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias,
Jaboticabal-SP*

Janaina da Silva Braga

*BEA Consultoria e Treinamento em Produção Animal Ltda.,
Rondonópolis-MT*

Adriano Gomes Pascoa

*BEA Consultoria e Treinamento em Produção Animal Ltda.,
Sacramento-MG*

Maria Camila Ceballos

*Grupo ETCO, Departamento de Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, UNESP
Jaboticabal-SP*

Jaboticabal
Funep
2019

P223b Paranhos da Costa, Mateus J. R.
Boas práticas de manejo : no curral / Mateus J. R. Paranhos da Costa,
Janaina da Silva Braga, Adriano Gomes Pascoa, Maria Camila Ceballos.
-- Jaboticabal : Funep, 2019
[E-BOOK]
60 p. : il.

ISBN 978-85-7805-190-7

1. Bovinos de corte. 2. Manejo racional. 3. Bem-estar animal. 4.
Interação humano-animal. I. Braga, Janaina da Silva. II. Pascoa, Adriano
Gomes. III. Ceballos, Maria Camila. IV. Título.

CDU 636.083:636.2

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Jaboticabal/SP - Karina Gimenes Fernandes - CRB 8/7418

Desenho de Capa: Paulo Tosta
Diagramação e projeto gráfico: Luis F. Savan e Funep

Distribuição gratuita

www.grupoetco.org.br - www.funep.org.br

Todos os direitos reservados.



Via de acesso Professor Paulo Donato Castellane, s/nº - Campus da Unesp - CEP: 14884-900, Jaboticabal/SP,
PABX: 16 3209-1300, www.funep.org.br

ÍNDICE

Apresentação	7
Desenvolvimento e validação deste manual	
Opinião de quem usa as boas práticas de manejo no curral	
○ comportamento dos bovinos	10
Conceitos básicos	
Os sentidos dos bovinos	
Distância e zona de fuga e ponto de equilíbrio	
Processos de aprendizagem	
Planejamento dos procedimentos de manejo	29
Caracterização dos procedimentos de manejo	
Procedimentos operacionais padrão (POPs)	
Definição da equipe de trabalho	
Manutenção de instalações e equipamentos	

Procedimentos de manejo	36
Condução dos bovinos do pasto para o curral	
Elementos básicos para a boa condução dos bovinos	
○ uso do sinuelo	
Velocidade de condução	
Distância a percorrer	
Acomodação dos bovinos em piquetes próximos ao curral	
Acomodação dos bovinos nas remangas e mangas	
Condução dos bovinos no curral	
Como conduzir os bovinos com a bandeira de manejo	
Condução dos bovinos sem nada nas mãos	
Uso racional do bastão elétrico	
Apartação	
Manejos no tronco de contenção	
○ manejo de bezerros no curral	55
Alguns cuidados com a tropa de lida	56
○ manejo no curral passo a passo	57
Considerações finais	59
Agradecimentos	60

Apresentação

O dia a dia de trabalho nas fazendas de bovinos de corte envolve a realização de várias atividades, muitas delas precisam ser realizadas nos currais de manejo, onde é possível se ter maior controle sobre os animais.

Freqüentemente as situações que envolvem o manejo dos bovinos no curral são erroneamente assumidas como fontes inevitáveis de estresse e que resultam em alto risco de acidentes, tanto para os vaqueiros quanto para os bovinos que estão sendo manejados, e que nada pode ser feito para evitar esses problemas. Entretanto, mesmo nas situações em que procedimentos estressantes não possam ser evitados, muito pode ser feito para minimizá-los. Por exemplo, com a adoção das boas práticas de manejo podemos minimizar o estresse e a dor resultantes da castração ou da aplicação de vacinas e medicamentos, favorecendo o bem-estar dos animais.

Para tanto, é necessário que ocorra uma mudança de atitude, que implica primeiramente no respeito para com os bovinos, reconhecendo-os como **seres sencientes** – que têm capacidade de sentir dor, medo e também contentamento – para, em seguida, adotar estratégias de manejo que levem em conta o bem-estar dos animais e seus comportamentos naturais.

Este manual tem como objetivo oferecer uma série de recomendações práticas sobre como realizar os procedimentos de manejo dos bovinos no curral com mínimo estresse, menor risco de acidentes e maior eficiência na realização do trabalho. Boa leitura!

Desenvolvimento e validação deste manual

Muitas das recomendações apresentadas neste manual foram inspiradas nos ensinamentos de Temple Grandin e Bud Williams, que têm orientado o desenvolvimento e a adoção de boas práticas de manejo de bovinos em vários países do mundo. Outras foram desenvolvidas com base em resultados de estudos de campo conduzidos por vários grupos de pesquisa do Brasil e de outros países da América Latina.

Todas as recomendações foram validadas durante a realização de manejos de rotina em várias fazendas comerciais de bovinos de corte no Brasil. O trabalho de validação proporcionou também a oportunidade para um contato mais próximo com vaqueiros, capatazes, técnicos de campo e pecuaristas, que ofereceram contribuições importantes para ajustes e detalhamento das recomendações aqui apresentadas.

Entretanto, deve-se ter em conta que a cada dia de trabalho aprendemos um pouco mais e que, por conta disso, o aprimoramento na aplicação das boas práticas de manejo no curral é constante. Assim, é importante estarmos abertos a novas experiências e ensinamentos que possam ser úteis para melhorar, ainda mais, nossas relações com os bovinos durante a execução dos procedimentos de manejo no curral.



Opinião de quem usa as boas práticas de manejo no curral

“Trabalhar com bovinos sempre foi muito prazeroso para mim. Nós nunca gritávamos, nem usávamos ferrão nos animais, mas depois de conhecermos as técnicas do Manejo Racional, com o Mateus Paranhos, o trabalho de nossa equipe foi muito facilitado. Nosso rebanho Nelore ficou mais dócil, os colaboradores trabalham com mais segurança e tranquilidade, sem falar no resultado econômico consequente. Parabenizo todos os envolvidos na divulgação desses conceitos para uma nova pecuária no Brasil.”

Epaminondas de Andrade (Fazenda Vale do Boi, Carmolândia-TO)

Atualmente os manejos dos bovinos no curral se tornaram muito mais intensos e frequentes do que antigamente, principalmente por conta da implantação e evolução de tecnologias, como a inseminação artificial em tempo fixo (IATF), manejos sanitários mais eficientes, controles de pesagem e desempenho. Saber trabalhar de forma correta, seguindo os princípios do manejo racional e bem-estar animal, é fundamental para que essas atividades sejam realizadas de forma tranquila e produtiva. A ausência de animais machucados ou “quebrados” no curral, melhores índices reprodutivos na IATF e equipe motivada e satisfeita com o ambiente de trabalho são apenas alguns exemplos das vantagens que a adoção das Boas Práticas de Manejo no Curral pode trazer.”

Leone Furlanetto (Fazendas São Marcelo, Tangará da Serra-MT)

“O grande diferencial foi que a partir dos treinamentos em Boas Práticas de Manejo passamos a ter uma melhor fluidez, mobilidade e qualidade nos manejos, fazendo com que todo o processo se tornasse mais eficiente e tranquilo, tanto para os animais como para nós.”

Gilberto Gonçalves (Gerente das Fazendas do Grupo Mavil, Paragominas-PA)

O comportamento dos bovinos

Conceitos básicos

O conhecimento do comportamento dos bovinos proporciona uma oportunidade para superar ou minimizar as dificuldades impostas por algumas rotinas de manejo no curral. Entender como os bovinos reagem frente aos procedimentos de manejo faz com que as dificuldades e os riscos de acidentes sejam diminuídos, aumentando a eficiência e a segurança na realização do trabalho.

Os bovinos estabelecem e gostam de rotinas e, apesar de serem muito curiosos, podem ficar estressados quando submetidos a situações novas ou inesperadas. Sendo presas potenciais, eles estão sempre vigilantes e apresentam reações de fuga ou de luta quando se sentem ameaçados ou acuados. Lembre-se, mesmo os bovinos mais calmos e mansos podem apresentar reações extremas e inesperadas, que aumentam o risco de acidentes para todos os envolvidos, humanos e animais. Além disso, deve-se ter em conta que os bovinos têm uma capacidade sensorial diferente da nossa, e que isso tem importante papel na definição de suas reações aos estímulos do ambiente, em especial àqueles relacionados ao manejo.

Também é importante reconhecer que eles têm boa memória e que, por conta disso, suas reações podem ser resultantes de experiências vividas em momentos anteriores ao da realização do manejo. Portanto, tenha em conta que experiências desagradáveis como, por exemplo, quando o manejo é feito de maneira descuidada ou agressiva, tornam os animais mais agitados, dificultando a realização do trabalho e aumentando o risco de acidentes.

Atenção! Muitas vezes é mais fácil controlar os bovinos do que a nós mesmos! Portanto, é importante estar sempre atento para evitar situações de manejo que causem dor ou sofrimento aos animais.

Os sentidos dos bovinos

○ conhecimento da capacidade sensorial dos bovinos é essencial para a compreensão de seus comportamentos e, conseqüentemente, para o bom desenvolvimento dos procedimentos de manejo.

Os bovinos acessam seu ambiente de forma semelhante a nós, humanos, usando seus sentidos de audição, olfato, paladar, tato e visão. Embora, também como para nós, a visão seja o sentido dominante nos bovinos, os demais sentidos desempenham importante papel na sua interação com os elementos de seu ambiente.

Entretanto, as semelhanças param por aí, pois a capacidade sensorial dos bovinos é muito maior que a nossa, uma vez que são capazes de ouvir sons que não ouvimos, sentir odores que não sentimos e de enxergar no escuro, o que nós não vemos. Essas capacidades sensoriais são detalhadas a seguir, dando-se ênfase para seus efeitos durante o manejo.



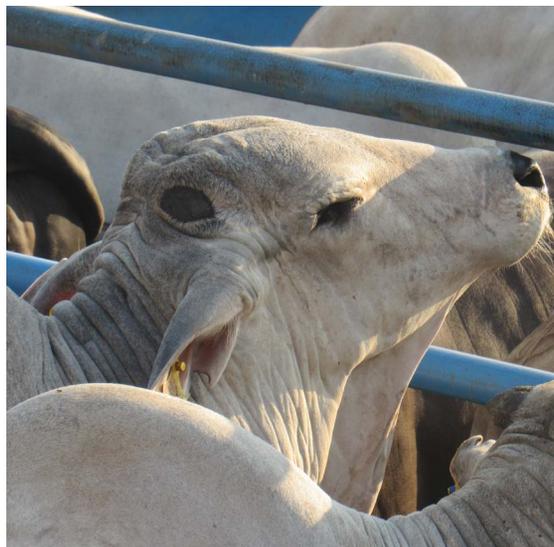
Audição – Os bovinos conseguem ouvir e identificar sons a maiores distâncias e com frequências mais altas que nós, humanos. Os sons têm um efeito importante no comportamento dos bovinos, sons agudos (estridentes), como os gritos, por exemplo, causam desconforto e deixam os bovinos mais agitados. Por outro lado, sons graves, como o do berrante e dos aboios, quando utilizados de maneira adequada, podem reduzir os níveis de agitação dos animais



Os bovinos são capazes de reconhecer sons específicos e associá-los a situações previamente vividas, tanto positivas quanto negativas. Assim, é possível associar determinados sons a manejos positivos com o objetivo de facilitar a realização dos trabalhos. Por exemplo, é frequente o uso de aboios para realização do “rodeio” (juntar o gado na pastagem), associando o chamado ao oferecimento de um determinado recurso, como um suplemento alimentar, por exemplo. Após alguns manejos, os animais passam a responder ao chamado, se aproximando do local onde está o vaqueiro. Por outro lado, gritos durante o manejo do curral, associados a falhas nos procedimentos de manejo como, por exemplo, pancadas, choques e agitação extrema, podem aumentar a reatividade dos animais, o que ocasiona maior dificuldade para a realização do manejo.

Olfato – Os bovinos são capazes de sentir odores a quilômetros de distância. Eles usam o sentido do olfato para identificar situações em seu ambiente e também para se comunicar.

Além das células olfativas, os bovinos têm uma estrutura em seus narizes, o órgão vomeronasal (localizado no céu da boca), que possibilita detectar certos odores que têm a função de comunicação. Esses odores são produzidos por feromônios, que são substâncias presentes nas secreções dos animais (suor, urina, fezes e secreção vaginal). Por exemplo, bovinos estressados liberam **feromônios do medo** que servem de alerta para os outros animais; as vacas em cio, por sua vez, liberam feromônios sexuais (que são detectados pelos touros) que indicam seu estado fisiológico.

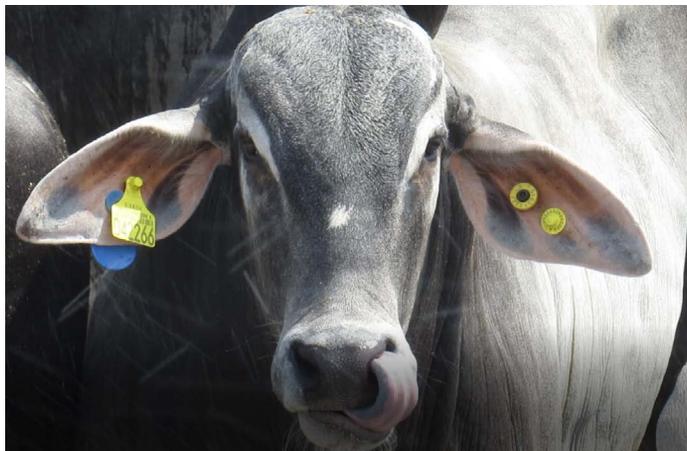


Do ponto de vista de manejo, é importante lembrar que o “odor do medo”, liberado na urina dos bovinos que se sentem ameaçados, pode dificultar a realização dos trabalhos e aumentar o risco de acidentes. Portanto, todos os procedimentos de manejo no curral devem ser conduzidos de forma a evitar ou minimizar situações de estresse intenso, que provoquem medo nos animais.

Para aumentar a eficiência na detecção dos feromônios, os bovinos apresentam um comportamento denominado **reflexo de flehmen**. Esse comportamento se manifesta pela exibição de uma sequência de movimentos na qual, após inspirar o ar, o bovino, mantendo a boca ligeiramente aberta, estica o pescoço, levanta a cabeça e dobra o lábio superior para cima e para trás. Ao fazer isto ele aumenta o fluxo de ar que passa pelo órgão vomeronasal, melhorando a eficiência na detecção dos feromônios.



Paladar – Os bovinos têm a capacidade de diferenciar os alimentos segundo seus sabores (doce, salgado, amargo e azedo) e essa capacidade pode ser usada para facilitar o manejo, condicionando os animais a realizarem certos comportamento através do uso de alimentos palatáveis como reforço positivo, como será abordado mais adiante neste manual.



Essa capacidade de sentir sabores e odores também faz com que os bovinos sejam capazes de rejeitar forragens contaminadas com as próprias fezes ou por outras substâncias com odor ou sabor desagradável. Além disso, devido à grande capacidade de aprendizado e memória de longa duração, eles aprendem a distinguir sabores e odores de algumas plantas tóxicas, evitando a sua ingestão.

Tato – O bovino tem na sua pele estruturas sensoriais muito parecidas com as nossas. Essas estruturas estão distribuídas por todo o corpo dos bovinos e permitem a eles sentirem variações de pressão e tração (mecanorreceptores), de calor ou frio (termorreceptores) e de dor (nociceptores). Também como nós, os bovinos apresentam algumas áreas de seu corpo com maior sensibilidade do que outras, por exemplo, há maior sensibilidade ao toque e a dor na face do que nas pernas.



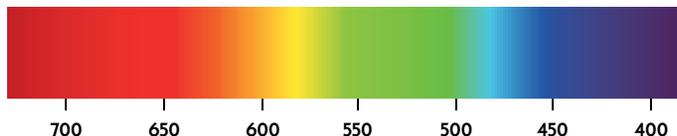
Muitas vezes, os bovinos são caracterizados como animais de “couro grosso” e que, portanto, teriam pouca sensibilidade ao toque, mas isto não é verdade. Preste atenção e observe como os bovinos reagem quando uma mosca pousa no seu dorso e como eles gostam de se coçar nos troncos das árvores. Assim, evite adotar qualquer procedimento de manejo que cause desconforto ou dor nos bovinos. Não bata, não cutuque e não dê choque nos animais.

Visão – A visão é o sentido mais importante dos bovinos! Eles sempre procuram ver o que se passa ao seu redor, mesmo quando ouvem um ruído ou sentem um odor, eles procuram se posicionar de forma a ver o que está acontecendo.

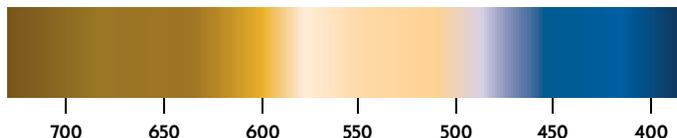
Os bovinos são capazes de diferenciar cores, porém não da mesma forma que nós, humanos. Eles não conseguem distinguir o verde do vermelho. Por outro lado, eles são muito sensíveis a contrastes de cores, reflexos e sombras, que fazem com que eles parem ou se assustem quando expostos a essas situações; por exemplo, se no caminho por onde os bovinos estiverem sendo conduzidos houver projeção de sombras ou poças d'água que refletem a luz, eles provavelmente irão parar ou saltar.



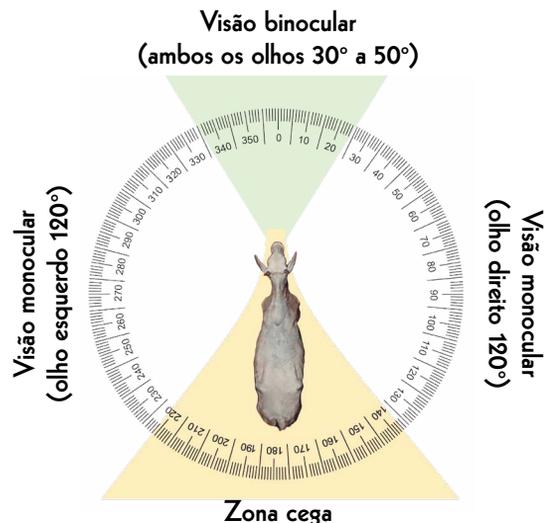
VISÃO DE CORES NOS HUMANOS



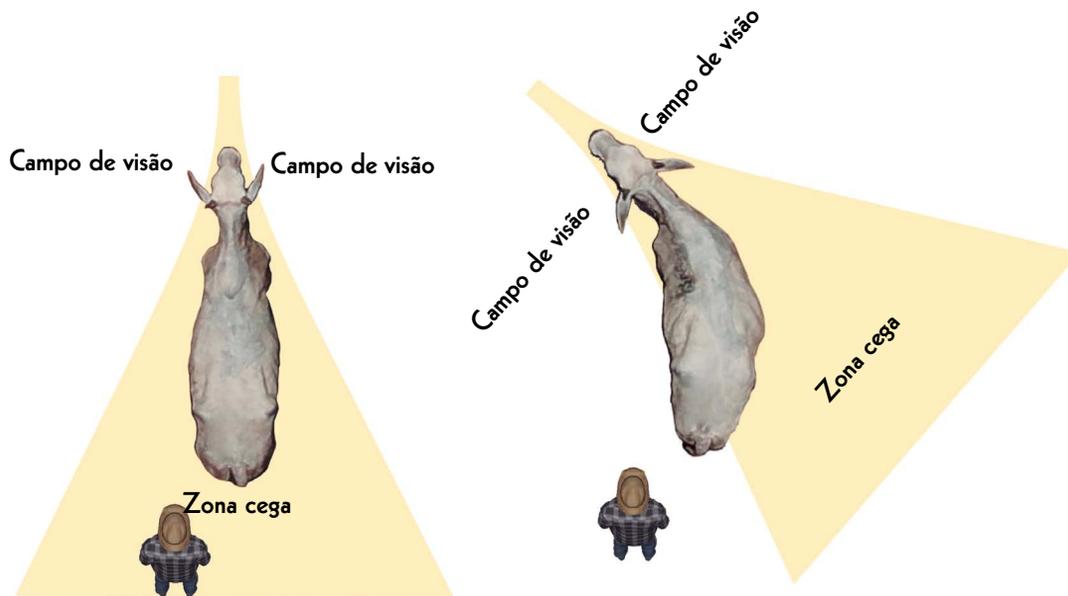
VISÃO DE CORES NOS BOVINOS



Os olhos dos bovinos têm maior sensibilidade à luz que os nossos, conferindo a eles boa capacidade de visão noturna. A visão panorâmica é outra característica marcante da visão dos bovinos. Isto é possível devido aos olhos estarem posicionados mais lateralmente na cabeça, proporcionando um campo visual muito amplo, que pode passar de 300°. Por outro lado, esse posicionamento traz dificuldades, fazendo com que os bovinos tenham pouca noção de profundidade. Por conta disso, muitas vezes eles não conseguem distinguir, por exemplo, entre uma sombra e um buraco e também não conseguem ver uma saída em uma instalação com curva de 90°. Nessas situações geralmente os bovinos empacam, trazendo dificuldades para a realização do manejo.



Zona cega – Como nós, os bovinos têm uma zona cega, onde eles não conseguem enxergar nada. A zona cega se projeta de uma pequena áreas na frente do bovinos, passando pelos seus lados e se prolonga para trás, como ilustrado nas figuras abaixo. Assim, quando um vaqueiro se posiciona na zona cega na tentativa de fazer com que o bovino ande para a frente, pode ocorrer exatamente o contrário, pois ele tende a parar e virar a cabeça ou, alternativamente, ele faz um movimento semicircular para um dos lados na tentativa de manter o vaqueiro dentro de seu campo visual.

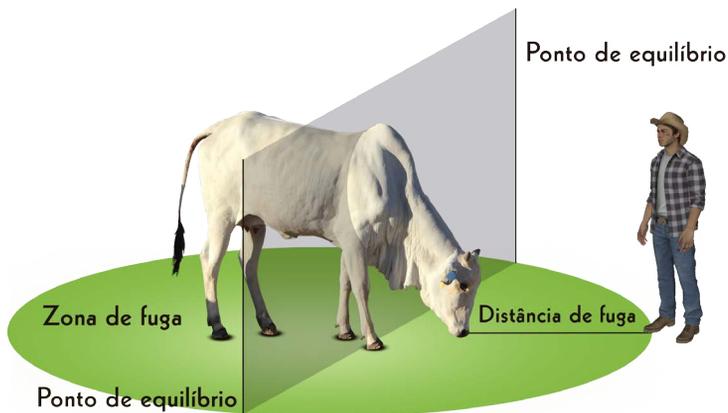


Distância e zona de fuga e ponto de equilíbrio

Entender os conceitos de distância e zona de fuga e de ponto de equilíbrio é fundamental para a implementação das boas práticas de manejo nas rotinas de trabalho no curral.

Distância e zona de fuga — A distância de fuga é a distância que os animais mantêm entre eles mesmos e alguém ou algo que os ameace. Portanto, é uma distância de segurança, que varia em função do grau de reatividade dos animais e com as circunstâncias, podendo, no caso dos bovinos, ser muito curta, igual a zero, quando o bovino se deixa tocar, ou muito longa, podendo passar de 50 ou até de 100 m. Com base na distância de fuga é definida a zona de fuga de cada bovino, caracterizada pela área em torno de seu corpo, onde ele se sente seguro.

Ponto do equilíbrio — É uma característica diretamente relacionada com o ângulo de visão e com a distância de fuga do bovinos. Se refere a um ponto, que tem como referência a paleta do bovino, que exerce um papel importante na condução dos bovinos, fazendo com que ele se desloque para frente quando o vaqueiro entra na sua zona de fuga atrás de seu ponto de equilíbrio ou para a trás, quando o vaqueiro se posiciona à frente desse ponto e dentro da zona de fuga.



Para se ter mais eficiência na condução dos bovinos, tanto no pasto quanto no curral, deve-se levar em conta os conceitos de **distância e zona de fuga** e de **ponto de equilíbrio**. Por exemplo, se durante o manejo é colocada muita pressão sobre os bovinos, invadindo constantemente sua zona de fuga, eles tendem a ficar muito agitados, apresentando comportamentos que podem provocar acidentes graves. Eles balançam freneticamente suas caudas, podem pular, se jogar contra as cercas ou atacar os vaqueiros quando se sentem pressionados ou acuados. Nos casos mais graves ocorrem reações de pânico, que invariavelmente resultam no “estouro da boiada”. Quanto maior a distância de fuga, maior o risco desses problemas ocorrerem. Certos procedimentos de manejo podem ser adotados para reduzir a distância de fuga dos bovinos, usando os processos de habituação ou de condicionamento dos animais, que serão apresentados mais adiante.



Problemas de manejo também ocorrem quando os bovinos apresentam distâncias de fuga igual ou próximas a zero, pois muitas vezes eles não se movimentam, mesmo quando são estimulados a fazê-lo com toques ou empurrões. Nesses casos é necessário ter muita paciência e autocontrole para evitar o uso de manejos agressivos na tentativa de fazer com que os animais se movimentem.

Atenção! Não confunda situações em que a distância de fuga dos bovinos é igual a zero com aquelas em que eles ficam "paralisados" pelo medo. Nestes casos as reações dos bovinos são imprevisíveis e a "paralisação" momentânea pode ser seguida de um ataque ou coice, com alto risco de causar acidentes.

○ ideal para o manejo no curral é que o bovino tenha uma distância de fuga entre 2 e 3 metros

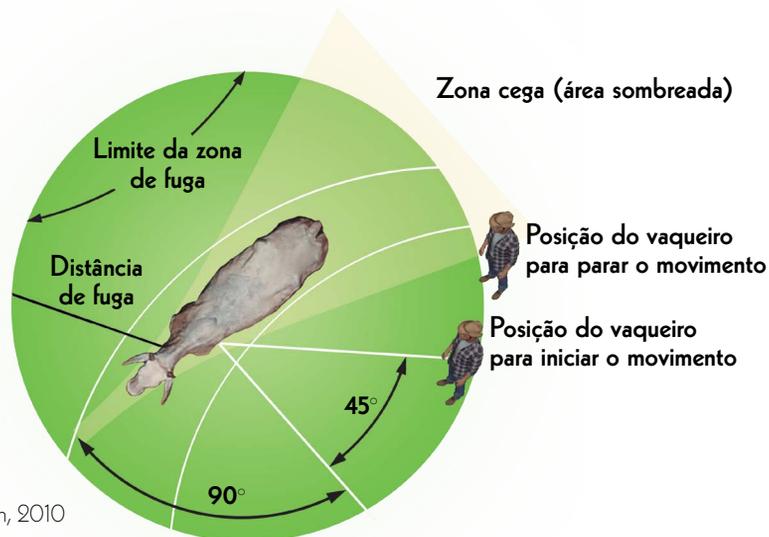


BOVINO COM DISTÂNCIA DE FUGA ZERO



BOVINOS COM BOA DISTÂNCIA DE FUGA DURANTE O MANEJO NO CURRAL

O diagrama a seguir ilustra como deve ser realizada a condução de um bovino considerando os conceitos de distância e zona de fuga e ponto de equilíbrio e conhecendo o seu ângulo de visão. Por exemplo, para iniciar o movimento do bovino para a frente, o vaqueiro deve se posicionar em frente ao animal para, em seguida, caminhar calmamente para trás por fora da sua zona de fuga, até passar seu ponto de equilíbrio, quando deve entrar na zona de fuga do animal. Essa aproximação deve ser feita lateralmente e com um ângulo de até 45° . Caso o vaqueiro se posicione mais atrás, a um ângulo maior que 60° do ponto de equilíbrio, por exemplo, ele se aproxima da zona cega do animal, havendo risco do animal parar e virar a cabeça para trás ou caminhar em semicírculo (como ilustrado pelas linhas brancas na figura abaixo) na tentativa de manter o vaqueiro em seu campo visual. Quando o objetivo é parar o movimento do bovino, o vaqueiro deve apenas sair de sua zona de fuga.



Adaptado de Grandin, 2010

Processos de aprendizagem

Os bovinos têm excelente memória e alta capacidade de aprendizado. Eles são capazes de se lembrar de experiências visuais, auditivas, olfativas e táteis e de associar essas experiências a situações positivas ou negativas, com efeitos diretos na expressão de comportamentos que podem facilitar ou dificultar o manejo.

Quando os bovinos são submetidos a situações desconhecidas, sendo manejados em ambientes novos ou por pessoas estranhas, bem como, quando enfrentam situações desagradáveis, que causam medo ou dor, eles se tornam mais reativos e, conseqüentemente, mais difíceis de serem manejados. Por outro lado, a adoção de ações neutras ou positivas durante a realização dos manejos torna os bovinos menos reativos e, portanto, mais fáceis de manejar. Esta condição pode ser alcançada por meio da adoção de estratégias de manejo que resultem na **habituação** ou no treinamento dos bovinos, com a aplicação de técnicas de **condicionamento operante com reforço positivo**.

Habituação é um processo de aprendizado no qual os bovinos param de responder a estímulos ou situações novas que se repetem a intervalos regulares ou que são apresentadas continuamente, desde que estas não causem nenhum efeito sobre eles. De maneira mais simples, os animais se acostumam com o estímulo ou a situação. Por exemplo, podemos habituar os bovinos a passarem pelas estruturas de manejo no curral, fazendo com que eles passem por ali repetidas vezes sem que nada de ruim ou bom aconteça durante as passagens. Os bovinos, acostumados com essa situação, se tornam menos reativos, facilitando o manejo.

Condicionamento operante com reforço positivo é um processo de aprendizado no qual os bovinos associam determinados manejos a estímulos ou situações positivas, aumentando a probabilidade de que apresentem os comportamentos desejados. Por exemplo, quando oferecemos alimento (**reforço positivo**) para os bovinos após passarem pelas estruturas de manejo no curral, estamos condicionando eles a passarem por essas estruturas com mais facilidade. Este procedimento pode ser usado para equilibrar ações potencialmente negativas, como no caso da aplicação de injeções durante a vacinação, por exemplo. Nesse caso é recomendado a soltura imediata dos animais em uma remanga ou em um piquete próximo, onde deve ser fornecido um alimento altamente palatável, que atua como reforço positivo, facilitando a realização do mesmo manejo no futuro.

Vale destacar que, nesse caso, o alimento oferecido não tem nenhuma função nutricional, é simplesmente algo que os bovinos gostam e, portanto, pode ser oferecido em pequena quantidade, o suficiente para que os bovinos associem o alimento ao procedimento de manejo realizado imediatamente antes de sua ingestão. É importante que a oferta do alimento seja feita em local e condições que permita o acesso de todos os animais ao mesmo tempo, sem competição.



Atenção! Pode ser que a oferta de alimento como reforço positivo tenha pouco ou nenhum efeito quando o manejo é realizado em condições adversas como, por exemplo, quando o manejo é feito com correria, gritos ou fazendo uso de instrumentos que causam sofrimento aos animais. Essa situação também ocorre mesmo quando o manejo, apesar de ser bem conduzido, cause dor ou sofrimento aos animais, como o que ocorre, por exemplo, quando a castração é feita sem anestesia e analgesia.

Nesses casos, os animais são condicionados a evitar o curral em função do sofrimento por que passaram, que pode ser caracterizado como uma **punição**. Por conta disso, eles se tornam mais reativos, dificultando a realização dos trabalhos naquele momento e no futuro.

Para resolver esse problema é necessário retomar a confiança dos animais, o que pode ser feito com a adoção de um processo de contra-condicionamento, fazendo-se uso de **reforço positivo** para modificar a expectativa dos animais com o que irá ocorrer com eles quando levados para o curral. A realização do contra-condicionamento exige muito cuidado e paciência, evitando-se expor os animais a qualquer estímulo adverso, como gritos ou agressões. **Sempre que possível evite realizar manejos com procedimentos que causem sofrimento e dor aos bovinos!**



Aprendizado por imitação - o Sinuelo

“O sinuelo é o velho boi que leva
Os outros bois para qualquer destino
Inconsciente ele vai na frente
E no pescoço ele traz um sino...”

José Fortuna, Paraíso Nhô Moraes



Os bovinos são animais sociais e tendem a desenvolver suas atividades de forma sincronizada. Essa sincronização é caracterizada pela situação em que um bovino inicia uma atividade sendo seguido pelos outros. Esse bovino, que é seguido pelos demais, é o **líder** do rebanho. A liderança ocorre naturalmente nos rebanhos bovinos, mas também pode ser manipulada por nós, humanos, com a identificação e treinamento de animais que têm potencial para assumir este papel. Esses animais são chamados sinuelos.

No passado, os sinuelos eram usados para levar o “gado de brabeza” (bovino muito difícil de ser manejado, que fugia para o mato, também conhecido como “alongado” ou “báguas”) para o curral. Nesses casos os sinuelos precisavam ser muito fortes, capazes de arrastar os “báguas” a eles atrelados. Apesar de pouco frequente, esse tipo de manejo é ainda usado nos dias de hoje em algumas regiões do país. O sinuelo é um animal dócil (que obedece a comandos) e manso (que não é agressivo) que foi treinado para servir de guia para os outros animais, facilitando a condução dos rebanhos. Devido serem menos agressivos que os touros e não apresentarem o risco de serem afastados do trabalho porque pariram, os bois (machos castrados) são preferidos para a formação de sinuelos.

○ treinamento dos sinuelos tem início com o processo de **habituação** aos vaqueiros e suas montarias e também a algumas das rotinas de manejo, com repetidas visitas aos currais e a outras unidades de manejo (por exemplo, corredores e piquetes) presentes nas fazendas.

Durante essa primeira fase do treinamento já se inicia a apresentação de comandos de voz, que devem ser empregados sempre com tom de voz grave, na forma de chamados, e usando palavras que indicam aos animais quando iniciar ou parar o deslocamento.

Desde o início do treinamento é possível identificar os animais que apresentam os comportamentos desejáveis e que têm maior facilidade para aprender, portanto deve-se dedicar mais atenção ao treinamento deles. Frequentemente são atribuídos nomes aos sinuelos.

Para acelerar o processo de aprendizagem, adota-se também técnicas de **condicionamento operante com reforço positivo**, oferecendo um alimento palatável (que pode ser um suplemento comercial, quirela de milho ou melaço em pó) sempre que os animais obedecerem a um comando ou completarem a atividade planejada, como a entrada no curral ou a passagem pelas estruturas de manejo, por exemplo.

Planejamento dos procedimentos de manejo

O planejamento é essencial para a boa execução de todos os procedimentos de manejo no curral. Para tanto deve-se ter em conta o tipo de manejo que será realizado, o número de animais que precisa ser manejado, o número de vaqueiros disponíveis e a disponibilidade e condições de instalações e equipamentos necessários para a realização do trabalho.

Com base nessas informações é possível caracterizar cada um dos procedimentos de manejo a serem realizados e fazer o planejamento do trabalho, tornando-o mais eficiente e com menor risco de acidentes e de erros, reduzindo-se assim o risco de ter que repetir o serviço.

Com esse planejamento será mais fácil adotar as boas práticas de manejo na rotina de trabalho da fazenda, tornando os manejos menos estressantes para nós, humanos, e também para os animais.

Caracterização dos procedimentos de manejo

Não existe uma fórmula que permita caracterizar os procedimentos de manejo dos bovinos no curral que sejam aplicáveis a todas as situações e categorias ou tipos de animais a serem manejados. Assim, a caracterização dos procedimentos de manejo no curral deve ser feita caso-a-caso, iniciando pela descrição detalhada das atividades a serem realizadas, passando pela definição das pessoas responsáveis por executá-las e determinando o local e quando deve ser realizado o trabalho. Fazendo isso, será possível fazer uma previsão de quantas horas (ou dias) serão necessárias para a realização do manejo e definir quantos animais serão manejados em cada período de trabalho.

Não basta apenas descrever as instruções de trabalho, é essencial verificar também se todas as estruturas e equipamentos necessários para a sua realização estão disponíveis e em bom estado de funcionamento, além de assegurar que os vaqueiros estão bem treinados e preparados para realizar os trabalhos com agilidade e eficiência. Deve-se também identificar as situações que possam colocar a boa realização do trabalho em risco e oferecer recomendações de como agir para corrigi-las rapidamente.

É recomendado que todas essas ações e verificações estejam previstas em documentos que sirvam para orientar cada um dos trabalhos a serem realizados durante o manejo dos bovinos no curral, definindo os **Procedimentos Operacionais Padrão (POPs)**.

Procedimentos Operacionais Padrão (POPs)

Os procedimentos Operacionais Padrão (POPs) são documentos que definem como cada um dos manejos deve ser realizado, fornecendo um roteiro padronizado e detalhado para orientar a execução de cada uma das atividades a ser realizada durante o manejo no curral. Com a elaboração dos POPs é possível assegurar que cada uma das rotinas de manejo no curral será executada conforme o planejado, com o mesmo padrão de qualidade e, conseqüentemente, com o menor risco de acidentes, mesmo quando o manejo for realizado por pessoas diferentes.

Para compor um POP é importante definir o local onde será realizado o manejo, as estruturas e equipamentos necessários para fazê-lo e quem serão as pessoas responsáveis pela execução do trabalho, além de apresentar uma descrição detalhada de como cada uma das etapas do trabalho deve ser conduzida.

Os POPs devem ser elaborados levando-se em conta as condições de cada fazenda ou do retiro onde o trabalho será realizado e, na medida do possível, contando com a participação de todos os envolvidos na execução do manejo.



MANEJO DE NASCIMENTOS
POP dos bezerros recém-nascidos

1º Objetivo:
Organizar os manejos de identificação e cuidados com os bezerros recém nascidos na Fazenda.

2º REFERENCIAS:
Boas Práticas de Manejo: Bezerros ao Nascimento (todo)
Boas Práticas de Manejo: Identificação (tatuagem)
Resumo das Bulas do Umbicura e Dectomax
Orientação da Equipe técnica da fazenda

3º ONDE E QUANDO SE APLICA:
Nas remangas, todos os dias durante a estação de nascimento

4º EQUIPE ENVOLVIDA:
Capataz e todos os Vaqueiros (4 pessoas)

5º RESUMO DAS TAREFAS E PROCEDIMENTOS:
1º Etapa: (Realizada a campo de 2 a 3 vezes por semana)
 - encontrar vacas amojadas
 - apartar as vacas amojadas
 - conduzir as vacas amojadas para os pastos de maternidade
2º Etapa: (Realizada a campo diariamente)
 - encontrar a vacas paridas
 - fazer rodeio com vacas paridas próximo do curralzinho
 - identificar os pares, mães e filhos
 - conduzir um bezerro da cada vez para o curralzinho
 - colocar o colar de identificação no bezerro e anotar o número da mãe do mesmo
 - lançar na ficha de nascimento o número da mãe e do bezerro
 - curar o umbigo e aplicar o Dectomax
 - o bezerro receberá a primeira massagem.

EXEMPLO DE UM POP

Informações que devem constar de um Procedimento Operacional Padrão:

1. Nome do local (fazenda ou retiro) onde será realizado o manejo.
2. Nome do procedimento de manejo a ser executado.
3. Objetivos a serem alcançados com a realização do procedimento de manejo.
4. Relação de material de apoio (p. ex., manuais, bulas de medicamentos e apostilas) que trazem informações complementares sobre como realizar o manejo (esses materiais devem estar disponíveis para leitura).
5. Definição de onde e quando o manejo será realizado e quem serão os responsáveis por fazê-lo.
6. Descrição detalhada de como deve ser realizada cada etapa do trabalho, atribuindo-se responsabilidades para a execução de cada uma delas.
7. Apresentação de alertas, que indicam os perigos e pontos críticos de controle que precisam ser monitorados constantemente durante a realização do manejo.

Atenção! Os objetivos a serem alcançados devem ser abrangentes, indo além da realização dos procedimentos de manejo em si. Por exemplo, o objetivo da vacinação não é apenas aplicar a vacina, mas sim proporcionar ao animal capacidade de defesa contra agentes infecciosos. Da mesma forma com a identificação, que é feita para proporcionar melhores condições para o controle dos rebanhos.

Definição da equipe de trabalho

A definição do número de vaqueiros necessários para realizar o manejo dos bovinos no curral é diretamente dependente do comportamento dos bovinos a serem manejados, do tipo de manejo a ser realizado, da habilidade dos vaqueiros em realizá-lo e das condições das instalações e equipamentos necessários para sua realização. Por exemplo, bovinos muito reativos e instalações e equipamentos mal projetados ou com falhas de manutenção requerem mais pessoas ou mais tempo para realizar o trabalho.

Mesmo com um pequeno número de vaqueiros é possível realizar um bom manejo, desde que o trabalho seja executado com bovinos pouco reativos, em instalações e equipamentos adequados e em boas condições de uso e que a equipe responsável pela realização do manejo esteja bem treinada e tenha habilidade para fazê-lo. Obviamente que nessas condições, será necessário dispor de mais tempo para realizar os procedimentos de manejo de forma segura e eficiente. Por outro lado, o excesso de pessoas dificulta a realização dos manejos no curral e aumentar o risco de acidentes.

Um dos membros da equipe, geralmente o gerente ou o capataz, deve ser o responsável pelo planejamento, organização e coordenação das atividades, enquanto os demais devem seguir suas orientações, assumindo a responsabilidade pela execução da tarefa que lhe foi atribuída como, por exemplo, a condução, a contenção ou a aplicação de medicamentos nos bovinos.

É essencial que cada um dos vaqueiros tenha sua função pré-definida antes de se iniciar o trabalho. Essa definição deve levar em conta a aptidão de cada um dos vaqueiros, por exemplo, pessoas com dificuldades de coordenação motora ou que tenham medo dos bovinos não devem ser responsáveis por embretar ou realizar a contenção dos animais.

Manutenção de instalações e equipamentos

“Currais mal projetados, com problemas de construção ou com falhas de manutenção geram dificuldades de manejo e aumentam o risco de estresse e de perdas produtivas. Por outro lado, currais bem projetados e construídos de maneira adequada, desenhados com base na compreensão do comportamento dos bovinos, reduzem esses problemas e facilitam a realização dos manejos.” Estas colocações foram apresentadas no manual **Boas Práticas de Manejo: Curral Projeto e Construção**, onde são apresentadas várias recomendações sobre como planejar e construir os currais para o manejo de bovinos. Cabe acrescentar que é necessário também assegurar que todas as estruturas do curral e equipamentos estejam limpos e em boas condições de uso e que não tragam risco para os animais que neles são manejados e nem para as pessoas que com eles trabalham.

Portanto, manutenções preventivas devem ser realizadas sistematicamente, monitorando as condições de cercas e porteiras e verificando a funcionalidade do tronco de contenção. Por exemplo, a simples ocorrência de uma porteira que não abre ou não fecha adequadamente pode atrasar a realização do trabalho ou aumentar o risco de acidentes.

Atenção especial deve ser dada ao tronco de contenção, mantendo-o limpo e lubrificado e verificando a funcionalidade das estruturas de contenção (pescocreira, parede móvel e coiceira, por exemplo). O mal funcionamento desse equipamento pode comprometer todo o trabalho no curral, principalmente quando a eficiência na realização do manejo depende do animal estar bem contido.



A limpeza e manutenção do curral vai além da questão estética pois tem importante papel na prevenção de acidentes e de transmissão de doenças.

O curral é um local de grande concentração e movimentação de bovinos, portanto, há uma alta probabilidade de acúmulo de fezes e de formação de lama ou poeira. Assim, é de extrema importância manter os currais sempre limpos e evitar a formação de lama ou poeira, sendo recomendado realizar a limpeza e os reparos necessários logo após o término de cada dia de trabalho.

Quando houver muita poeira, molhe o piso do curral antes de iniciar o manejo. Por outro lado, se os problemas com lama e poeira forem muito intensos e frequentes considere a possibilidade de calçar o curral.

Atenção especial deve ser dada a destinação de agulhas descartadas e frascos de medicamentos vazios, que devem ser acondicionados em recipientes que não colocam as pessoas e os animais em situação de risco. Esses materiais devem ser posteriormente encaminhados para os pontos de venda onde foram adquiridos, que são responsáveis pela sua destinação final.

Adicionalmente, para maior eficiência na realização dos manejos no curral, deve-se dispor de estruturas que permitam armazenar os produtos e equipamentos em locais apropriados, de forma a assegurar a sua conservação e facilitar a realização do trabalho.

Procedimentos de manejo

Condução dos bovinos do pasto para o curral

A maneira com que os animais são conduzidos do pasto ou dos currais de confinamento até o curral de manejo interfere no sucesso do trabalho a ser realizado. Animais conduzidos de forma acelerada e desordenada chegarão mais cansados e estressados ao curral, tornando o trabalho mais difícil. Geralmente essa condução é realizada como os vaqueiros montados a cavalo. Esse trabalho é facilitado quando as fazendas dispõem de corredores ligando os pastos ou o confinamento ao curral de manejo. Entretanto, mesmo em situações em que essas estruturas não estão disponíveis é possível se realizar um bom trabalho, desde que certos cuidados sejam tomados.

Elementos básicos para a boa condução dos bovinos

Aproveite as visitas de rotina aos pastos para habituar os bovinos à sua presença e para treiná-los para que obedeam a certos comandos como, por exemplo, para que venham quando são chamados para o rodeio. Assim, será mais fácil juntá-los sempre que necessário, como nas situações em que queremos levá-los ao curral, por exemplo. Antes de buscar o gado cheque se não há cercas quebradas ou porteiras abertas pelo caminho que possam dificultar a realização do trabalho. Cumprida essa etapa vá para o pasto onde está o gado, chamando-os para o rodeio. Quando os animais não estão treinados, é necessário campear (andar no pasto a procura do gado), o que exige mais tempo e mais vaqueiros para realizar o trabalho.

Com todos os animais no rodeio, pode-se iniciar a condução, sendo que um dos vaqueiros, o ponteiro ou guia, deve se posicionar à frente dos bovinos, assumindo o papel de líder e chamando-os com uso de aboios. O ponteiro é responsável por definir a velocidade com que a boiada será conduzida e também para decidir quando parar e quando seguir a marcha. Outro vaqueiro (o culatra) deve se posicionar atrás dos bovinos, assumindo a responsabilidade por manter os animais agrupados, seguindo o deslocamento do ponteiro.

O número de vaqueiros necessários para realizar o trabalho é dependente da infraestrutura da fazenda e do número de bovinos no lote a ser conduzido. Em situações ideais, como em uma fazenda que tem corredores e lotes com até 150 animais, bastam dois vaqueiros, um na ponta e o outro na culatra. Entretanto, em fazendas sem corredores ou quando se conduz um grande número de animais será necessário um número maior de vaqueiros, de forma a evitar que eles se espalhem ou se misturem com animais de outros lotes. Em ambas as situações a presença do ponteiro é primordial. É ele quem irá ditar o ritmo, fechar porteiras que não deveriam estar abertas e orientar a equipe com relação ao caminho a ser seguido.



O uso do sinuelo

Em situações em que os animais são muito reativos e difíceis de serem conduzidos ou quando há poucos vaqueiros para realizar o trabalho é recomendado o uso de sinuelos. A presença dos sinuelos faz com que os outros animais fiquem mais tranquilos e facilita a condução do rebanho. Na falta do sinuelo, pode-se utilizar “vacas madrinhas” que, apesar de não serem treinadas, podem facilitar a condução do rebanho desde que sejam mansas e fáceis de se conduzir.

Velocidade de condução

A condução dos animais deve sempre ser feita ao passo, sem correrias e sem gritos, mantendo sempre a mesma “toada”. Com o estabelecimento dessa rotina os animais tendem a se acostumar ao manejo, tornando as conduções posteriores mais fáceis. No caso dos animais empacarem, não grite e não agrida os animais, quando fazemos isto eles ficam assustados e agitados, dificultando o manejo. **Mantenha a calma!** Os vaqueiros que estiverem trabalhando na “culatra” não devem fazer pressão sobre os animais, se posicionando para que eles não voltem, enquanto que o vaqueiro que está à frente, o ponteiro, deve trabalhar os animais da ponta fazendo com que eles reiniciem a marcha.



Atenção! Nunca pressione os animais, principalmente quando há transição entre instalações como, por exemplo, na entrada de corredores ou nas passagens pelas porteiras, dê um tempo para os bovinos entenderem o que está acontecendo. O modo como é realizada a condução até o curral é determinante para a definição do grau de agitação do gado no momento da realização dos manejos.

Distância a percorrer

Quando o pasto for muito distante, conduza os animais sempre na véspera, deixando-os passar a noite em pastos ou piquetes próximos ao curral. Animais descansados e tranquilos são mais fáceis de serem trabalhados do que animais cansados e agitados. Esses pastos ou piquetes podem também ser usados para acomodar os animais quando o trabalho termina muito tarde, tornando difícil a condução dos bovinos de volta ao seu pasto de origem no mesmo dia. Assim, a volta ao pasto pode ser feita na manhã do dia seguinte, proporcionando maior conforto para os vaqueiros.



Acomodação dos bovinos em piquetes próximos ao curral

É mais fácil realizar a acomodação dos bovinos no curral quando há piquetes no seu entorno. Eles têm papel importante na acomodação dos bovinos antes e ao final da realização do trabalho e permitem manter a densidade correta de animais nas mangas e remangas do curral.

Quando superlotamos o curral, há maior desgaste das instalações e os animais ficam mais estressados, gerando dificuldades para a realização dos manejos. Além disso, é mais barato construir piquetes próximos ao curral do que construir currais muito grandes.



É recomendável que esses piquetes tenham boa disponibilidade de forragem e fácil acesso a água e a sombra, além de um cocho, onde deve ser oferecida pequena quantidade de ração para condicionar os animais a virem ao curral. Os piquetes devem ser manejados como se fossem parcelas de um sistema de pastejo rotacionado, evitando sua degradação pelo uso excessivo.

Acomodação dos bovinos nas remangas e mangas

Quando não há piquetes no entorno do curral a alternativa é acomodar os animais nas remangas. É comum os animais apresentarem algum grau de dificuldade para entrar nas remangas do curral, principalmente quando as porteiras de entrada forem estreitas ou a área da remanga for pequena em relação ao número de animais no lote. Nessas condições é importante manter a calma, o pouteiro deve "afinar" o gado na porteira, estimulando os animais a entrar, enquanto os outros vaqueiros se posicionam de forma a impedir que os animais que estão no fundo voltem, mas sem fazer pressão sobre eles.

Quando os animais estiverem muito agitados, pare por alguns minutos até eles se acalmarem. Tenha em mente que durante o manejo do gado "devagar é mais rápido", portanto trabalhe sem correria. Não grite nem faça movimentos bruscos, essas ações deixam o gado mais agitado e dificulta ainda mais o manejo.



AFINANDO O GADO NA PORTEIRA

Evite superlotação no curral! Divida o lote e distribua os animais uniformemente pelas remangas e, quando necessário, também pelas mangas do curral. Em currais superlotados é mais difícil realizar a condução dos bovinos e há maior risco de acidentes. O ideal é que eles tenham pelo menos metade do espaço livre para se movimentarem.

O curral é um local de trabalho e, portanto, não deve ser usado para prender o gado por muito tempo. Assim, o número de animais acomodados nas remangas ou nas mangas deve também levar em conta o tempo necessário para a boa realização do trabalho programado. Manter os bovinos presos no curral por muito tempo causa estresse e aumenta o risco de acidentes. Além disso, acelera o processo de degradação do piso e das estruturas do curral.

O ideal é que toda espera, antes ou após o manejo dos bovinos no curral, seja feita em um piquete. Se isso não for possível, esteja preparado para reduzir o tempo de espera dos animais no curral de manejo, levando-os para o pasto ou curral de confinamento o mais rápido possível.



MANGA DO CURRAL SUPERLOTADA



MANGA DO CURRAL COM A LOTAÇÃO CORRETA

Condução dos bovinos no curral

Após acomodar os animais nas remangas ou mangas, deixe “baixar a poeira” e espere que os animais se acalmem antes de reiniciar o trabalho. Se os animais continuarem muito agitados, verifique se isto não está sendo causado por trânsito de veículos, de pessoas ou de outros animais (principalmente de cães) próximos ao curral, também oriente a todos presentes no curral para não gritar e nem realizar movimentos bruscos.

A condução dos bovinos no curral deve ser feita sempre ao passo, podendo ser feita tanto a pé quanto a cavalo. O cavalo deve ser usado para a condução dos bovinos em remangas grandes ou por corredores muito compridos, pois é menos cansativo e proporciona maior agilidade e segurança para os vaqueiros. Quando a condução é feita em espaços pequenos ou por curtas distâncias ela pode ser feita tanto a pé quanto a cavalo. Atenção! Tenha muito cuidado ao realizar a condução a cavalo quando o piso for escorregadio, o que é comum em currais calçados com pedras.

Na saída da manga deixe passar apenas o número de animais compatível com o tamanho do corredor ou do embute. Lembre-se, é necessário manter pelo menos metade da área de manejo livre para se ter algum controle sobre o movimento dos bovinos; portanto, nenhuma das estruturas do curral deve ficar superlotada.



A partir da entrada dos bovinos no embute ou na seringa é recomendado que os vaqueiros façam a condução dos bovinos se posicionando pelo lado de fora dessas estruturas, podendo-se trabalhar no mesmo nível dos bovinos, sobre o piso (quando as cercas forem de cordoalha ou tábuas intercaladas) ou em nível mais alto, sobre a passarela de trabalho, quando as laterais forem fechadas. Essa decisão de trabalhar pelo lado de fora ou de dentro do embute e da seringa, deve ser tomada levando-se também em conta as dimensões das estruturas do curral. Embutes e seringas muito largos dificultam a realização da condução pelo lado de fora.



Uso da bandeira de manejo – A bandeira de manejo é uma ferramenta utilizada para auxiliar na condução dos animais, como preconizado por Temple Grandin. Ela funciona como uma extensão do braço do vaqueiro e pode ser utilizada durante os manejos a pé ou a cavalo, tanto dentro quanto fora do curral, embora seu uso seja mais frequente quando o manejo é feito a pé dentro do curral. Para se fazer bom uso da bandeira é necessário se conhecer os conceitos de distância e zona de fuga, ponto de equilíbrio e área cega dos bovinos, apresentados anteriormente neste manual.

Atenção! A bandeira é uma ferramenta de manejo que serve para controlar a movimentação dos animais, portanto, ela nunca deve ser usada para assustar nem para agredir os bovinos.

Como fazer a bandeira de manejo – A bandeira de manejo deve ser feita com material leve e durável. A haste pode ser feita com bambu usado para fazer varas de pescar, enquanto a flâmula pode ser feita de tecidos leves, resistentes, que sequem rapidamente e não façam barulho quando agitada pelo vento. Alternativamente, pode-se usar sacos de rafia, reciclando as embalagens de ração ou de suplemento.

O comprimento da haste deve ser definido com base nos locais onde serão realizados os manejos. Para a realização dos manejos nas remangas, mangas, corredores, embute e seringa ela deve ser mais comprida, de preferência da altura do ombro do vaqueiro. Por outro lado, quando o manejo é realizado no tronco coletivo, ela deve ser mais curta, tendo como referência o comprimento do braço do vaqueiro.



Como conduzir os bovinos com a bandeira de manejo

Antes de iniciar qualquer movimento, posicione-se no local para onde você pretende conduzir os animais como, por exemplo, próximo a uma porteira ou do lado do corredor para onde você quer que os animais passem. Pare por um minuto e observe os animais com atenção, se eles estiverem agitados, espere até que se acalmem e se estiverem distraídos, faça com que prestem atenção em você, chamando-os com aboios.

Com os animais calmos e atentos, inicie o movimento, posicione-se lateralmente em relação ao grupo de animais a ser conduzido, respeitando a distância de fuga. Caminhe em direção a eles, sem fazer movimentos bruscos e mantendo a bandeira a meia altura do lado oposto ao dos animais. Ao passar o ponto de equilíbrio do grupo de animais posicionados mais a frente, entre na zona de fuga e estimule-os a ir para frente, levantando um pouco a bandeira. Mantenha-se posicionado na lateral do grupo. O ideal é que os animais caminhem enfileirados. Após a passagem do número de animais adequado para o manejo, "corte" o lote, conduzindo para a próxima área (manga, embute ou seringá) apenas os animais que serão manejados nessa etapa do processo.

Mantenha a bandeira sempre a meia altura e sem balançá-la. Permaneça na posição lateral, agora um pouco mais atrás, e estimule os animais a seguirem em frente. Controle a velocidade de deslocamento com o posicionamento da bandeira, entrando e saindo da zona de fuga dos animais. No caso dos animais pararem ou andarem muito lentamente, fique dentro da zona de fuga e levante a bandeira. Se necessário use aboios para ajudar na condução dos animais.

Lembre-se, a bandeira é uma extensão do seu braço e não deve ser usada para agredir e nem para assustar os animais. No caso de um animal ficar agitado ou assustado com bandeira, ela deve ser retirada até que ele se acalme.

Quando os animais estiverem passando pela porteira, posicione-se atrás do grupo, levante a bandeira e converse com os animais. Não grite e não faça movimentos bruscos. Caso os animais relutem em passar pela porteira, não perca a calma, afaste-se um pouco, mantendo a posição fora da zona de fuga e, quando voltarem a atenção para o local onde devem ser conduzidos, estimule-os a avançar. Troque a bandeira de mão sempre que for necessário.

Feche sempre as porteiras por onde passar. **Nunca jogue a porteira na tentativa de evitar a passagem de um ou mais animais, pois além de ser um procedimento totalmente ineficiente, trás alto risco de acidentes.**

Atenção! É importante não pressionar os bovinos constantemente, pois eles podem se assustar e você irá perder o controle. Use o princípio da pressão/alívio proposto por Bud Williams, coloque mais pressão apenas para iniciar o movimento, assim que os bovinos começarem a se mover no sentido desejado, reduza a pressão, deixe os bovinos trabalharem para você. Nos casos em que os bovinos ficarem agitados, retome a posição fora da zona de fuga e espere que se acalmem, para então avançar em passos lentos e com movimentos suaves com a bandeira e sempre que possível se posicionando lateralmente em relação aos animais.

A condução dos bovinos da seringa para o tronco coletivo deve ser feita, sempre que possível, pelo lado de fora e, nos casos da seringa ter as laterais completamente fechadas, o trabalho deve ser feito com o vaqueiro posicionado sobre a passarela de trabalho, usando a bandeira com a haste mais comprida.

Para iniciar o trabalho posicione-se próximo da porteira de entrada do tronco coletivo, abra a porteira e observe os animais com atenção. Caso algum deles inicie o movimento desejado, andando em direção à entrada do tronco coletivo, aguarde, pois ele poderá entrar sem a necessidade de ser conduzido; caso isto não ocorra, conduza o animal que estiver mais próximo e olhando para a entrada do tronco coletivo. Utilize a bandeira de manejo com a haste mais longa para auxiliar esse manejo.

É recomendável conduzir um animal de cada vez ao tronco coletivo, com isto se reduz o risco de acidentes e de que entrem dois ou mais animais no tronco de contenção ao mesmo tempo. O procedimento é o mesmo quando se estiver trabalhando em instalações com seringa circular e porteira giratória. Repita estes procedimentos até que o último animal presente na seringa entre no tronco coletivo.

Quando os animais apresentarem alguma resistência para passar pela seringa, tronco coletivo e de contenção, abra todas as porteiras e deixe-os passar livremente, retomando o trabalho em seguida.



Com a entrada de um animal de cada vez no tronco coletivo, a etapa seguinte, de conduzir o animal para o tronco de contenção, fica mais fácil, em geral basta estimulá-lo a andar com o uso da bandeira de manejo.

Quando houver mais de um bovino no tronco coletivo deve-se evitar a entrada de dois ou mais animais no tronco de contenção. Isto pode ser feito da seguinte forma:



- 1 – Posicione-se na porteira de entrada do tronco de contenção (que deve estar aberta) com a bandeira com haste mais curta em uma de suas mãos.
- 2 – Caminhe em direção ao bovino posicionado à frente até passar o seu ponto de equilíbrio, estimulando-o a avançar em direção ao tronco de contenção.
- 3 – Assim que ele avançar, abaixe a bandeira para dentro do tronco coletivo. A bandeira irá criar uma barreira visual (“fechando a passagem”) para o bovino posicionado logo atrás, fazendo com que ele pare por alguns minutos, facilitando o fechamento da porteira de entrada do tronco de contenção após a entrada do animal.

Condução dos bovinos sem nada nas mãos

Sem nada nas mãos, este é nome usado aqui no Brasil para a técnica de manejo racional desenvolvida por Bud Williams, que tem como fundamento o conhecimento do comportamento dos bovinos e o uso de elementos de linguagem corporal para realizar a condução desses animais, dispensando o uso da bandeira. Trata-se de um método de manejo de baixo estresse, cujo objetivo principal é ter controle sobre os bovinos, através de um manejo calmo e silencioso.

Para se ter sucesso na aplicação deste método é necessário seguir três princípios fundamentais, são eles:

1- Fique sempre no campo de visão dos bovinos e mantenha constante contato visual com eles. Nas palavras

de Bud Williams, "...não é algo fácil de ser feito, normalmente nós olhamos o que estamos fazendo" quando o correto é "...ver o que está acontecendo... o que você está fazendo é irrelevante se todo o resto está desmoronando...".

2- Pressão e alívio. Faça pressão para que os bovinos iniciem o movimento, então alívie a pressão para mantê-los em movimento. Isso deve ser feito entrando e saindo da zona de fuga do animal. Deixe o animal trabalhar para você, não há porque colocar pressão constantemente.

3- Movimento leva a movimento. Bovinos são animais sociais e o movimento de um estimula os outros a se movimentarem. Em condições normais o líder tem esse papel, de iniciar o movimento e ser seguido pelos outros.



Uso racional do bastão elétrico

○ uso do bastão elétrico não é proibido, mas sempre que possível deve ser evitado. Ele deve ser usado apenas em situações de emergência, tais como para estimular animais deitados a se levantarem ou para fazer se mover animais empacados, quando as outras formas para fazê-lo falharem. ○ **choque nunca deve ser utilizado em bezerros.**

Nunca utilize bastões ligados na rede elétrica, nem equipamentos que utilizam bobinas de veículos para aumentar a corrente elétrica. Não encoste o bastão elétrico nas mucosas dos animais (p. ex. boca, ânus e vagina) e nem em partes mais sensíveis de seus corpos (p. ex. face e cauda). Deve-se evitar também dar choque nas patas dos animais, pois eles frequentemente reagem dando coices. ○ local correto para a estimulação é a anca dos animais, tanto para movimentá-los para frente, quanto para levantá-los.

Nunca segure o bastão encostado no corpo do animal por um período de tempo maior que um ou dois segundos. Também não aplique o choque em um animal que não tem espaço para avançar ou para se levantar e nem quando o animal está posicionado atrás de outro, pois ele pode saltar sobre o animal que está à frente, aumentando o risco de lesões e de acidentes. Uma vez que o problema foi resolvido, o bastão elétrico deve ser guardado.

Apartação

As apartações podem ser realizadas logo na entrada do curral, nas porteiras, quando os animais são conduzidos das remangas para as mangas do curral, ou em estruturas especialmente desenhadas para a realização desse tipo de manejo, os apartadouros. Quando a apartação for feita nas porteiras, é recomendado conduzir os animais em grupos pequenos, de forma que os bovinos a serem apartados possam ser identificados com maior facilidade. A bandeira ajuda a realizar esse manejo, pois possibilita manter maior distância dos animais, aumentando a segurança durante a realização do trabalho, além de aumentar a área de atuação dos movimentos.

Existem vários tipos de apartadouros, os mais comuns são do tipo “ovo” e “em linha”, há ainda os apartadouros “de canto” que também são eficientes, mas apenas oferecem a possibilidade para duas apartações. Os apartadouros tipo ovo e em linha são geralmente instalados após o tronco de contenção ou a balança, enquanto que o apartadouro “de canto” é instalado, como o próprio nome sugere, no canto de uma das mangas do curral.

Independente do tipo de apartadouro utilizado, realize as apartações sempre com calma e tranquilidade. Quando a apartação for realizada no curral, após terminá-la, conduza os animais que não serão manejados de volta ao pasto ou a um piquete próximo ao curral. Não deixe que os animais fiquem esperando no curral.



Manejos no tronco de contenção

O tronco de contenção (também chamado de brete em algumas regiões do Brasil) é um equipamento usado para restringir os movimentos dos bovinos, de forma a oferecer maior segurança para a realização de manejos que exigem o controle dos movimentos dos animais, como ocorre no caso das pesagens, aplicação de vacinas e medicamentos, identificação e inseminação artificial, por exemplo.

Para alguns desses manejos basta manter o animal parado por alguns minutos, sem a necessidade de usar as estruturas que permitem a imobilização dos bovinos. Por outro lado, em algumas situações é necessário imobilizar partes ou todo o corpo do bovino. Isso pode ser feito como o uso da pescoceira para imobilizar a cabeça, associado ou não, ao uso da parede móvel ou da vazieira, que são usados para imobilizar o corpo do bovino ou ainda da coiceira, utilizada para proteger o vaqueiro de coices, caso tenha que se posicionar atrás do bovino para a realização do manejo.

Para a correta utilização do tronco de contenção, a equipe responsável por realizar o trabalho deve estar bem posicionada. O ideal é que esta equipe seja formada por pelo menos dois vaqueiros, um deles ficará responsável pelo manejo da porteira de entrada e da contenção do posterior do animal (acionando a coiceira ou a vazieira, quando necessário), enquanto o outro cuida da porteira de saída e da pescoceira.

Para realizar uma boa contenção siga os seguintes procedimentos:

1 – Abra a porteira de entrada do tronco de contenção, se o bovino estiver relutante para entrar, abra a porteira de saída, para “dar uma luz”, sinalizando o caminho a seguir.

2 – Assim que o bovino entrar, feche as porteiras. O fechamento das porteiras deve ser feito sem dar pancadas no corpo do animal.

3 – Com o animal dentro do tronco de contenção, estimule-o a ir para a frente, até ficar na posição correta para o acionamento da pescoceira.

4 – Contenha o animal com a pescoceira, fechando-a o mais próximo possível da cabeça do animal. Atenção, não use a pescoceira para parar o bovino, pois além de machucá-lo, diminui a vida útil do equipamento. O ideal é que a contenção seja realizada com o animal parado e sem golpes.

5 – Quando necessário acione a coiceira, a parede móvel ou a vazieira.

6 - Com o animal contido, realize os procedimentos de manejo planejados.

7 – Ao final, primeiro abra a parede móvel (ou a vazieira) para, em seguida, abrir a pecoceira e finalmente a porteira de saída.



O manejo de bezerros no curral

Os currais de manejo de bovinos não são dimensionados para o trabalho com os bezerros. A maior dificuldade em manejá-los está no tronco coletivo e no tronco de contenção, onde eles tendem a se virar, dificultando o manejo. Por conta disso, é comum superlotar o tronco coletivo, imaginando que nessa condição eles não conseguem se virar. Não faça isso, pois alguns bezerros se deitam ou caem e os outros passam por cima, fazendo com que fiquem amontoados.

Algumas das soluções para este problema são estruturais como, por exemplo, construir paredes móveis no tronco coletivo ou instalando painéis para reduzir a largura do tronco coletivo. Alternativamente pode-se usar uma tábua de manejo, que serve para realizar a condução dos bezerros dentro do tronco coletivo sem o risco de levar um coice, nesse caso trabalhe com no máximo três bezerros, que não devem pesar mais que 150 kg.



Alguns cuidados com a tropa de lida

Após conduzir os animais do pasto ou do confinamento para o curral, dê atenção para a tropa de lida. Caso haja previsão de utilização de algum animal para continuar o manejo com o gado, coloque-o em uma área sombreada, com fácil acesso a água e alimento. Afrouxe as barrigueiras e retire a cabeçada, mantendo-o amarrado com o cabresto. Esteja seguro que o animal dispõe de condições adequadas para que possa descansar. Os demais animais devem ser soltos em um piquete após serem desarreados.

Faça inspeções diárias nos animais para verificar suas condições, checando a condição corporal, condições dos cascos e do pelo (sinais de pisadura) e a presença de ectoparasitas, de forma a evitar situações que resultem em desnutrição, ferimentos e manqueira, que terão um impacto negativo no desempenho dos animais durante a realização dos manejos.



O manejo no curral passo a passo

1. Planeje todos os procedimentos de manejo a serem realizados no curral, definindo o número de animais que será trabalhado e a equipe de vaqueiros responsável por realizar o trabalho.
2. Cheque se as instalações, equipamentos e materiais necessários para realizar o trabalho estão disponíveis, limpos e em boas condições de uso.
3. Defina as responsabilidades de cada um dos vaqueiros, que devem ser informados sobre o trabalho que será realizado e estar bem preparados para realizar os procedimentos de manejo no curral.
4. Conduza os animais para o curral ao passo e com cuidado, sem correr nem gritar.
5. A condução deve ser feita com um dos vaqueiros posicionado à frente do lote, servindo de guia, enquanto os demais devem seguir atrás, para impedir que os animais voltem, mas sem fazer pressão sobre eles.
6. Quando o pasto for muito distante, conduza os animais na véspera, deixando-os passar a noite em um pasto ou piquete próximo ao curral, certifique-se de que há boa disponibilidade de forragem e livre acesso a água.
7. Nunca pressione os animais, principalmente nas transições entre as instalações, como por exemplo, na entrada de corredores ou nas passagens de porteiros.
8. Quando possível e necessário use o sinuelo para facilitar a condução do gado.
9. É recomendável acomodar os lotes de bovinos em piquetes próximos ao curral, levando grupos menores para dentro do curral. Quando isto não for possível, acomode os animais nas remangas.
10. Conduza para o curral apenas o número de animais que será manejado em um período do dia de trabalho. Não encha as remangas e mangas do curral, deixe pelo menos metade do espaço livre para que os animais possam se movimentar e o manejo possa ser feito com facilidade.
11. Após os bovinos estarem acomodados no curral, dê atenção para a tropa de lida. Afrouxe as barrigueiras, tire a cabeçada e dê acesso à sombra e água.
12. Não grite, não faça movimentos bruscos e não agrida os animais. Trabalhe com calma, muita atenção e não coloque pressão excessiva sobre os bovinos.

13. Utilize a bandeira de manejo corretamente, ela funciona com um extensão de seu braço e serve para auxiliar na condução dos animais. Não use a bandeira para assustar nem para agredir os animais.
14. A condução dos bovinos também pode ser realizada sem nada nas mãos, usando elementos de postura corporal para movimentar o gado.
15. Em ambos os casos, com a bandeira ou sem nada nas mãos, é necessário aplicar os conceitos de distância e zona de fuga, ponto de equilíbrio e área cega dos bovinos.
16. Evite usar o bastão elétrico, faça-o apenas em situações de emergência, como quando é necessário estimular animais para se levantarem ou para fazer mover um animal empacado. Nunca dê choque em bezerros.
17. Animais de diferentes categorias (por exemplo, vacas e bezerros) devem ser separados antes de serem conduzidos para as áreas de manejo mais intensivo. Nesses casos faça as apartações logo na entrada dos animais no curral, usando as porteiras de transição entre remangas e mangas ou apartadouros de canto para fazê-lo.
18. Quando os animais apresentarem alguma resistência para passar pela seringa, tronco coletivo e de contenção, abra todas as porteiras e deixe-os passar livremente, retomando o trabalho em seguida.
19. É recomendável conduzir um animal de cada vez ao tronco coletivo, com isto se reduz o risco de acidentes e de que entrem dois ou mais animais no tronco de contenção aos mesmo tempo.
20. Realize a contenção com muito cuidado e atenção. Abra a porteira traseira para o animal entrar, fechando-a em seguida à sua entrada. Nesse momento a porteira de saída deve ficar fechada, abrindo-a apenas quando for necessário estimular o animal a entrar.
21. As estruturas de contenção (pescoceira e parede móvel ou vazieira) só devem ser acionadas depois de fechar as duas porteiras do tronco de contenção. Contenha o animal primeiramente com a pescoceira, para em seguida, quando necessário, fazer uso da coiceira, da parede móvel ou da vazieira.
22. Ao finalizar o manejo, libere o animal, abrindo primeiro a parede móvel ou a vazieira e em seguida a pescoceira. Só abra a porteira de saída quando o animal estiver livre dentro do tronco de contenção.
23. O ideal é que ao sair do tronco de contenção ou do apartadouro o animal tenha acesso a um piquete ou remanga, onde deve receber um reforço positivo, com a oferta de um suplemento alimentar palatável.

Considerações finais

A adoção de boas práticas de manejo no curral não acarreta em aumento de custo e nem na necessidade de dispor de mais tempo para realizar o trabalho. Lembre-se que quando o manejo é realizado com pressa e sem cuidado há maior risco de estresse e de acidentes e que, nessas condições, os bovinos podem ficar extremamente agitados ou agressivos, tornando mais difícil a realização do trabalho. Essas situações têm efeitos negativos no bem-estar de todos os envolvidos, na qualidade do serviço e na vida útil de equipamentos e instalações. Maiores dificuldades na aplicação das boas práticas de manejo na rotina do curral podem ser encontradas em fazendas com currais mal projetados ou com problemas de construção ou de manutenção.

Por outro lado, com a adoção das recomendações apresentadas neste manual esses problemas serão minimizados, tornando o manejo mais eficiente e oferecendo maior segurança durante a realização dos trabalhos, com efeitos positivos no bem-estar dos bovinos e das pessoas responsáveis por realizar o manejo. Ressaltamos que nem sempre é necessária a construção de currais novos, geralmente basta adaptar as instalações existentes com alternativas de baixo custo associadas à adoção das boas práticas de manejo. Com essas iniciativas é possível alcançar benefícios concretos sem a necessidade de grandes investimentos.

Lembre-se de que a mudança de atitude de todos os envolvidos na lida com o gado representa um dos pontos chave para o sucesso na adoção das boas práticas de manejo de bovinos de corte no curral.

Bom trabalho!

Agradecimentos

A todas as fazendas que abriram suas porteiras para a realização de pesquisas e cursos sobre o manejo racional de bovinos de corte, em especial aos vaqueiros e capatazes que compartilharam conosco experiências vividas no dia a dia de trabalho com os bovinos, que foram fundamentais para o desenvolvimento e validação e deste manual.

Aos integrantes do Grupo ETCO que colaboraram com este manual. Algumas das fotos que ilustram esse manual foram gentilmente cedidas por Antony Paulo Lueningberg, Arquimedes José Riobueno Pellecchia, Karen Camille Rocha Góis e Victor Brusin, a quem agradecemos.

A MSD Saúde Animal e ao Frigorífico JBS-Friboi pela confiança e apoio que viabilizaram a publicação desse manual.

A todos que se sentirem parte desse trabalho, nossos agradecimentos.

REALIZAÇÃO



Boas Práticas de Manejo NO CURRAL